



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA-UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES

ANGELINA DE FÁTIMA NGULI

**O IMPACTO DO CRISTIANISMO DENTRO DAS RELIGIÕES AFRICANAS: CASO
DO GRUPO ETNOLINGUÍSTICO DOS OVIMBUNDU, CUBAL-BENGUELA NO
PERÍODO DE 2010-2021**

ACARAPE-CE
2024

ANGELINA DE FÁTIMA NGULI

**O IMPACTO DO CRISTIANISMO DENTRO DAS RELIGIÕES AFRICANAS: CASO
DO GRUPO ETNOLINGUÍSTICO DO OVIMBUNDU, CUBAL-BENGUELA NO
PERÍODO DE 2010-2021**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

Aprovada em ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Tomas Domingos (orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dra. Ana Carolina de Oliveira Costa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Ao meu pai de feliz memória, a minha amada mãe, ao meu namorado e ao meu filho. Com gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e da saúde. A minha amada mãe, Angelina Nana e ao meu pai que em vida se chamou Floriano Nguli, a minha eterna gratidão por ter vocês em minha vida e por me proporcionarem momentos maravilhosos no meu processo de crescimento, pois são os principais pilares para o meu desenvolvimento humano, social, econômico e acadêmico, em síntese vocês são os melhores pais do mundo.

Aos meus irmãos e amigos especialmente: Inês, Osvaldina, Filomena, Ir. Luísa o meu muito obrigada. Estendo também os meus agradecimentos ao meu padrinho Padre Daniel Gomes Nunda pelo apoio incondicional.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Luís Tomás Domingos pela seriedade intelectual, comprometimento e generosidade, fundamentais à existência deste trabalho. Devo muito à sua orientação e às inúmeras reflexões, que provocaram o surgimento de novas perspectivas. Muito obrigada pelo apoio, pela confiança, pela amizade e, sobretudo, por acreditar sempre no meu potencial, e claro, sem esquecer os conselhos que sempre recebia durante as orientações.

Nesta vida acadêmica da UNLAB, felizmente formei também família. Agradeço especialmente ao meu Namorado Pedro Tomás Capitango, ao meu filho Aizuel Evaristo Nguli Capitango, agradeço ainda a Cecilia Beio pelo amor dado em todas as circunstâncias “segunda mãe do meu filho”, a minha cunhada Cristina Catumbela, a minha comadre Jandira Dala e ao meu cunhado Luís Valdo Obrigada pela paciência, compreensão e generosidade. Agradeço sua disposição em me ouvir, sempre me encorajando a prosseguir, Eugênio Capingala, Marcelo Manuel e Leonildo Toco, vocês sim, merecem, a vossa forma de ser e de estar me enxergar o meu processo de formação com mais leveza e esperança.

E por último agradeço imensamente a minha amiga de batalha, Marta Quizembo juntas estivemos na luta da realização dos nossos projetos de pesquisa e de vida, com quem desabafava quando tudo parecia estar difícil.

NDAPANDULA - OBRIGADA.

RESUMO

O presente trabalho, é fruto de indagações que surgiram ao longo da minha formação humana e acadêmica, cujo o mesmo tem como objetivo descrever o impacto do cristianismo dentro das religiões africanas no grupo etnolinguístico dos *ovimbundu*, na cidade de Cubal, município da província de Benguela, ao longo das minhas vivências pude perceber a lacuna na vida dos *ovimbundu* pelo fato de algumas ocasiões não saberem se posicionar como cristãos e ao mesmo tempo africanos que têm vivências natas e culturais. Dentre os principais autores que deram um embasamento teórico no nosso trabalho, temos a destacar os seguintes: ZAU (2002); Raul (2014); Domingos (2009). Para a realização deste estudo utilizamos a metodologia bibliográfica, interdisciplinar e oralidade, por se tratar de um estudo antigo mais sempre atuante na comunidade dos *ovimbundu*. a nível religioso, que é o nosso foco neste projeto, o impacto desta transmissão é também tão visível que durante a convivência entre os *ovimbundu* há sempre um grupo que se acha superior aos outros e esse grupo é o convertido ao cristianismo- catolicismo e quem não é católico é vista como uma pessoa sem valor e feiticeira, chegado até a ser considerado atrasado intelectualmente e traidor, é visto também visto como uma pessoa não assimilada ao contrário de quem aderiu ao catolicismo, este sim, na visão geral é o intelectual, merecedor de todas as graças e também assimilado “um pequeno branco-europeu”.

PALAVRAS CHAVE: Impacto; Cristianismo; Religiões africanas; *Ovimbundu*

ABSTRACT

This work is the result of questions that have arisen throughout my human and academic development, the aim of which is to describe the impact of Christianity on the Christianity within African religions on the Ovimbundu ethnolinguistic group in the city of Cubal, a municipality in the province of Benguela. Gap in the lives of the Ovimbundu because the fact that sometimes they don't know how to position themselves as Christians and at the same time at the same time as Africans who have their own cultural experiences. Among the main authors who have provided a theoretical basis for our work, we would like to highlight the following: ZAU (2002); Raul (2014); Domingos (2009). In order to carry out this study, we used bibliographical, interdisciplinary and oral methodology, as this is an old study but always active in the Ovimbundu community. At the religious level, which is our focus in this project, the impact of this transmission is also so visible that during the coexistence between the Ovimbundu there is always a group that thinks it is superior to the others. To the others and that group is the converts to Christianity - Catholicism - and those who are not who is not Catholic is seen as worthless and a sorceress, and is even considered intellectually backward and a traitor.

intellectually and as a traitor, they are also seen as unassimilated. In contrast to those who adhere to Catholicism, who in the general view are the intellectual, deserving of all the graces and also assimilated "a little white European".

KEY WORDS: Impact; Christianity; African religions; Ovimbundu

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA	11
3	PROBLEMÁTICA	12
4	OBJETIVOS	14
4.1	Objetivo Geral:	14
4.2	Objetivo Específicos:	14
5	HIPÓTESES	14
6	REFERENCIAL TEÓRICO	14
6.1	Contextualização histórica do povo <i>Ovimbundu</i>.....	15
6.2	Localização geográfica dos Cubalenses	15
6.3	Processo de assimilação dos <i>ovimbundu</i>	15
7	O IMPACTO DO CRISTIANISMO NAS RELIGIÕES AFRICANAS.....	16
7.1	Religiões Africanas	18
8	METODOLOGIA.....	21
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
9	CRONOGRAMA.....	24

1 APRESENTAÇÃO

Angola é um país localizado na África central, com uma superfície de 1.246,700 km² com uma população estimada em 33.934.000 habitantes. de acordo com as Nações Unidas, é o 12^a país com maior população do continente africano. Embora seja um território populoso, Angola não é densamente povoada, visto que a distribuição populacional é da ordem de 27,2 hab./km². O oeste do país é a região que concentra o maior número de habitantes, especialmente nas áreas urbanizadas. Ao todo, 68,1% da população angolana vive nas cidades. O território angolano possui 18 províncias, tem como capital a cidade de Luanda, onde está concentrada a maior parte da sua população, tendo como língua oficial o Português.

Segundo Zau (2002, pág. 38) “é um país com diversos povos, reinos e com uma diversidade sociolinguística e cultural e com 10 grupos Etnolinguístico dentre eles os *Bacongo*, *Ovimbundu*, *Ambundu*, *Xindonga*, *Lunda-Tchokwe*, *Nganguela*, *Nhaneca-Humbe*, *Herero*, *Ovambo*, e *Os Khoisan*”. Neste presente trabalho, abordar-se-á sobre o grupo etnolinguístico ovimbundu, Cubal-Benguela no período de 2010-2021.

¹Os *ovimbundu* é o maior grupo étnico linguístico de Angola, situado no sul de Angola nas seguintes províncias: Benguela, Huambo, Huíla, Kwanza-sul. Eles compõem 37% da população do país e falam a língua *Umbundo*. Os seus principais subgrupos são: os bailundos (*mbalundu*), os huambos, os biênios, os seles, os andúlos, os sambos e os cacondas (*cakonda*).

Quando falamos dos *ovimbundus*, queremos fazer referência a um povo que teve de ser muito persistente e conservador para não perder o que mais precioso tem, que é a língua *umbundu*, língua esta que foi por muitas décadas proibida de ser falada porque para o colono era “língua dos cães” faz parte da tradição oral, um povo que passa ensinamento de geração em geração através da oralidade no momento após o jantar, no famoso *ondjango*², é um povo que vive especificamente da caça, pesca, agricultura e comércio, podemos encontrar este povo nas áreas urbanas, periurbanas e também na área rural.

Os *ovimbundu* apesar do processo que viveram de apagamento e da forma como têm se posicionado religiosamente, é sem sombras de dúvidas, um povo que vive o sincretismo: apesar de dizer que buscam o único Deus e Senhor Jesus Cristo ainda assim, fazem uma mistura

¹ *Ovimbundos* (*Ovimbundu*; singular: *Ovimbundu*; adjetivo: *Umbundu*), são uma etnia banta de Angola). Em português são chamados ovimbundu, porém o termo trata-se de uma forma híbrida que expressa duplamente o plural, pela combinação do prefixo da língua umbundu "ovi" com o sufixo português "-s". Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ovimbundu>>. Acessado em 05 de outubro de 2023

² Refere-se a um espaço onde se constrói a vida através de ensinamentos de adultos para a nova geração. Também pode ser considerado um lugar de produção e partilhar de conhecimento. No contexto brasileiro seria uma roda de conversa.

quando sentem que não estão sendo realizados os seus pedidos correm e intercedem pelos seus antepassados que na cultura dos *ovimbundu* fazem de fato que as coisas se tornem reais e palpáveis, isto é, as chamadas prticas tradicionais. Assim continuam a perpetuar o bom e respeitoso nome de seus ancestrais.

Feita essa contextualização sobre o grupo étnico *ovimbundu*, é necessário discorrer sobre impacto que o cristianismo teve sobre as religiões africanas, um cristianismo que desde a sua chegada e contato com os povos *ovimbundo* se mostrou contra, não aceitou a religião dos povos *ovimbundu* como uma religião, mais sim, como algo imundo sem um Deus e sem salvação.

De acordo com Raul (2014):

Durante muitos anos, o conjunto de crenças tradicionais banto não logrou a dignidade de ser considerada uma religião. Seria apenas um aglomerado grosseiro de superstições que tinha de ser desprezado e eliminado sem consideração. Afirmava-se que estas crenças não trazem nenhuma contribuição, porque a sua religiosidade não ultrapassou o feiticismo tosco e elementar. Todavia basta debruçarmo-nos sobre esse conjunto de crenças e cultos para encontrar uma estrutura religiosa firme e digna (RAUL, 2014 p. 356).

A história do Cristianismo começa com a vinda de Jesus à Terra, há pouco mais de dois mil anos. Assim, a contagem de tempo cristã inicia após o nascimento de Jesus. Podemos verificar que os episódios históricos são marcados por datas a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo). O Cristianismo é uma religião monoteísta, e quando falo do cristianismo estou a falar especificamente da igreja católica que é baseada na crença em Jesus Cristo e em seus ensinamentos. Para os cristãos, Jesus é o filho de Deus, o criador do Universo.

De acordo com as estatísticas feitas pelo Vaticano em 2021³, a Igreja Católica conta com 1,34 bilhão de fieis em todo o mundo, um número que cresceu em todos os continentes, com exceção da Europa. Em 31 de dezembro de 2021, a população mundial era de 7.785.769.000, um aumento de 118.633.000 em relação ao ano anterior. O aumento global também afetou todos os continentes, exceto a Europa. Na mesma data o número de católicos era de 1.375.852.000, um aumento global de 16.240.000 em relação ao ano anterior. O aumento afeta todos os continentes, exceto a Europa (-244.000). Como no passado, é mais acentuado na África (+8.312.000) e na América (+6.629.000), seguido pela Ásia (+1.488.000) e Oceania

³ O material disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/estatisticas-da-igreja-catolicaem2023.html#:~:text=Na%20mesma%20data%20o%20n%C3%BAmero,em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20ao%20ano%20anterior>. Acessado no dia 27 de novembro de 2023.

(+55.000). A porcentagem mundial de católicos diminuiu ligeiramente (-0,06%) em relação ao ano anterior, e é de 17,67%. Com relação aos continentes, as variações são mínimas.

Na mesma continuidade, Angola, segundo as informações do site missões mundiais, ^{4a} república de Angola possui maioria cristã, embora haja muito sincretismo, crenças e costumes herdados das religiões antigas. Dentre os cristãos, 59% são católicos, 26% protestantes e outros 10,7% de outras denominações, e 2,5% de dupla filiação. Há 4,3% de agnósticos, 1% de ateísmo e 1% de outras religiões.

As estatísticas são bem claras. Refletindo bem e de acordo com o meu recorte temporário, é incrível e ao mesmo tempo triste que o africano é o que mais cresce no número de fiéis, enquanto que o próprio colonizador já ultrapassou essa questão e já não se preocupa tanto assim como o seu colonizado com essa questão de religião como dizia o Bispo Desmond Tutu da igreja Anglicana (1996) “quando os missionários chegaram à África, eles tinham a Bíblia e nós a terra. Disseram-nos: vamos rezar. Fechamos nossos olhos. Quando abrimos, nós é que estávamos com a Bíblia e eles com a terra”.

Diante do exposto acima percebemos que a bíblia, a religião continuam sendo elemento de dominação de outros povos e no caso africano é ainda maior. Ademais trago a contribuição de Domingos (2009) sobre a religião, como pode se ler:

A religião não é apenas e exclusivamente um sistema gnosiológico, um conjunto de dogmas, mas também uma experiência significativa e um significado experimentado. Neste processo, os ritos, os eventos necessários seres vividos até a medula e as palavras e os gestos dos profetas, dos ancestrais seus, de certo modo, repetidos e revividos. O destino da religião, neste contexto, está intimamente ligado ao rito dentro de certas culturas (DOMINGOS 2009, p. 1).

Todavia, o impacto marcado pelo cristianismo sobre as religiões africanas é muito grande, e é claro que vem desde a colonização até a atualidade. Nesta ordem de ideias, ainda é possível ver o grande ódio apregoado na época da escravatura. Naquela época quem residia em Angola tinha de ser batizado, quem era batizado tinha de se sujeitar ao rei português, tornar-se cristão, isto significava ser esforçado a negar as suas raízes culturais, menosprezar as línguas nativas as tradições culturais, o sistema de vida, os laços sociais que definem a identidade cultural da comunidade nativa.

O principal objetivo do colonizador era destruir a educação, a cultura, tornar uma raça superior que a outra, e a religião, de tal modo que, nos dias atuais, é visível o retrocesso intelectual dos angolanos, de modo particular dos *ovimbundu*, ao ponto de menosprezar as suas

⁴Disponível em: <https://missoesmundiais.com.br/canais/africa/53-angola#:~:text=A%20Rep%C3%BAblica%20de%20Angola%20possui,e%201%25%20de%20outras%20religi%C3%B5es>. Acessado no dia 02 de julho de 2024.

raízes e tornarem-se pseudo europeus. Essa destruição generalizada da consciência africana tem várias repercussões a nível político, social, cultural, econômico e religioso.

A nível religioso, que é o nosso foco neste projeto, o impacto é também tão visível que durante a convivência entre os *ovimbundu* há sempre um grupo que se acha superior aos outros e esse grupo é o convertido ao cristianismo- catolicismo e quem não é católico é vista como uma pessoa sem valor e feiticeira, chegando até a ser considerado atrasado intelectualmente e traidor, acabando mesmo também a ser visto como uma pessoa não assimilada ao contrário de quem aderiu ao catolicismo, este sim, na visão geral é o intelectual, merecedor de todas as graças e também assimilado “um pequeno branco-europeu”.

2 JUSTIFICATIVA

O interesse pela temática surge por meio de um conjunto de motivações, inquietudes e também dúvidas. Durante a minha infância, adolescência e uma boa parte da minha juventude sempre fui ensinada por madres, padres e bispos que o cristianismo é a religião mãe, ela nos molda na medida em que vamos deixando de acreditar e ver as religiões africanas como religiões e culturas que não garantem e nem fazem parte do plano salvífico de Deus. Pois, é possível ver nos discursos de africanos assimilados uma visão de que a religião africana é uma coisa imunda que só prejudica, e diziam sempre: “um cristão não pode adorar a dois deuses ou se vai para o cristianismo ou então para as práticas das religiões africanas que não são muitos esclarecedoras nas suas doutrinas.

Por outro lado, relatando um caso específico sobre o assunto. Meu pai estava doente e diante da dor procurou pelos médicos tradicionais para a sua cura uma vez que já estava esgotada a sua paciência com a medicação convencional. Depois de alguns meses ele morreu, como um católico assíduo que era, na Igreja podia se fazer ritual religioso do sepultamento do corpo, mas, infelizmente, não aconteceu porque alegam que pelo fato dele frequentar e ser analisado por um curandeiro, automaticamente, ele terá negado Jesus Cristo. Diante disso, percebe-se que o cristianismo nega, não aceita a religião africana e suas práticas, pois é tido como superstições, algo imundo (algo que não presta, sujo, em dignidade e valor).

Outrossim, testemunha-se sempre o machismo que de certa forma acaba por anular a liberdade da mulher, por exemplo, quando uma mulher começa a ter um relacionamento com uma pessoa que é da Igreja católica e ela não, quando tiver que se casar, ela será obrigada a se converter à religião católica, com vontade ou sem.

O nosso recorte temporal, dá-se pelas seguintes razões: primeiramente, 2010 por ser o ano em que ingressei ao convento das irmãs da nossa senhora das ⁵Muxima. Foi a partir daí que comecei a entender com mais clareza o impacto do cristianismo nas religiões africanas.

Assim sendo, falar sobre o impacto do cristianismo dentro das religiões africanas: caso do grupo etnolinguístico do *ovimbundu*, cubal-benguela no período de 2010-2021, queremos com este trabalho dar a nossa contribuição para os próximos pesquisadores que virão a ter interesse em indagar sobre este assunto. Independentemente do nosso compromisso acadêmico, acreditamos que não existe sujeito desprovido da intencionalidade, de pertencimento ou sem lugar de proveniência, ou ainda sem uma religião que o ligue a um ser superior. No entanto, é isto que me motivou a debruçar sobre o impacto do cristianismo dentro das religiões africanas, o contexto particular dos *ovimbundu* tendo como ponto de partida o meu pertencimento étnico.

Em relação ao âmbito social, a temática justifica-se pelo facto de que, a religião molda o comportamento de todos indivíduos pertencentes a uma determinada sociedade e isso de facto é inegável.

Socialmente, é ainda possível verificar a desigualdade e exclusão dos povos pelo fato de pertencerem ou não à religião, especificamente à religião católica. Entendendo que cada povo, sociedade ou ainda grupo tem as suas particularidades e regras, mas ainda assim reconhecemos que há regras que acabam por destruir, separar, ferir e de alguma forma, faz sempre perceber um grupo se sente ou se faz superior que o outro.

Como por exemplo: Quem não é católico, não pode apadrinhar um cristão católico e isto de fato, custa tanto para as famílias que já estão habituados a chamar de padrinho a uma pessoa que não é católica, mas que possua uma certa idoneidade.

Por fim, com este trabalho esperamos que possa elucidar a questão do impacto do cristianismo dentro das religiões tradicionais africanas no contexto angolano e incentivar os futuros trabalhos voltado para essa área de conhecimento.

3 PROBLEMÁTICA

Como se sabe, o cristianismo chegou ao continente africano como meio de civilizar, colonizar, converter os povos originários. Assim sendo, os portugueses levaram a ideia aos angolanos, de modo singular, os *ovimbundu* fazendo-os crer que a sua religião é uma coisa sem

⁵ Muxima é uma palavra que vem da língua kimbundu que em português significa: Coração. Irmãs de nossa Senhora da Muxima é uma congregação de origem Angolana e têm como carisma acolher os mais necessitados espiritual e materialmente.

nome e de alguma forma não há salvação para toda aquela pessoa que segue os ensinamentos das religiões tradicionais africanas.

De acordo com o autor Akrong (2016):

A história do relacionamento entre a religião tradicional e o cristianismo é um padrão complexo de encontros e diálogos manifestados de diversas formas de acomodação e conflito. As diferentes perspectivas que este relacionamento multifacetado produziu mostram como fatores não religiosos podem influenciar e moldar a maneira pela qual as pessoas percebem o relacionamento entre o cristianismo e a religião tradicional. Às vezes estas perspectivas se devem às más ideologias que moldaram os diferentes contextos históricos do que a doutrinas religiosas (AKRONG 2016, p. 619).

Nesta ordem de ideias, fui amadurecendo a cada dia que passava, as inquietações como: antes do processo de escravatura que trouxe o cristianismo, quem era de facto o africano e como se relacionava com seu ser transcendental? Como é que o cristianismo encara as religiões tradicionais africanas? Qual é o impacto do cristianismo nas religiões tradicionais dos povos *ovimbundu*? A partir destes questionamentos é importante refletir o seguinte: o colono nos tirou até a coisa mais preciosa que nós tínhamos, as nossas divindades.

É possível verificar como o Cristianismo mexeu com as estruturas religiosas, sociais, econômicas, linguísticas e até mesmo nas estruturas sanitárias dos *Ovimbundu*. A forma de agir, ser e estar dos *ovimbundu* foi por e é muito simples ver isso no dia a dia. Segundo Azevedo (2015), explica nos seguintes termos:

Interpretada de acordo com a cosmovisão dos povos da África Centro-Occidental, a religião cristã desempenhou, ao longo de todo o movimento de expansão pela região, iniciado em finais do século XV, o papel de mediadora na aproximação entre portugueses e africanos. Aproximação esta que refletia, em grande medida, a confiança nos benefícios da conversão ao catolicismo e as expectativas de alcançar vantagens temporais e espirituais através das cerimônias católicas. Evidências várias, porém, demonstram que as experiências das populações africanas com o catolicismo não se resumiram à adoção integral de todos os preceitos e sacramentos da Igreja. Vislumbradas à luz da bagagem cultural de cada agrupamento populacional, as religiões cristãs e suas simbologias assumiram, no contexto africano, diferentes feições que expressavam a natureza igualmente diversa de um amplo leque de credos encobertos sob o rótulo de “cristianismo” (AZEVEDO 2015, p. 14).

É neste contexto de interesse que a religião, sempre se mostrou, ferir sem querer, realizaram bem o papel de um dos discípulos de Jesus, o Judas Iscariotes que traiu o seu mestre com o beijo e como a cobra que mata abraçando.

Não podemos negar que o Cristianismo, contribuiu de alguma forma na construção de mentes, e mentes, a meu ver, brilhantes nos *ovimbundu*, mas também é perigoso quando pensamos que o que é nosso é que deve ser apregoado e prevalecer. Como o Cristianismo “católicos” que fez parte do processo de colonização o fez. Quando falamos que contribui de alguma forma, estamos a nos referir a formação como muitos angolanos e de modo singular os

ovimbundu sempre optaram por colocar os seus filhos para estudar em uma instituição de ensino católica porque dizem os mesmos que lá há rigor e ensinam bem, isso na época já pós-colonial.

Então, se o povo diz isso, é uma realidade, mas, a pensar disso, ainda é doloroso se adaptar e ter que, obrigatoriamente, aceitar que o que é nosso, tradicional foi ou melhor passou por um processo de apagamento, o que faz esse povo abrir a boca e pensar e também dizer que ensinam bem, para mim o dizem de forma inconsciente porque também esses ensinamentos são ainda fruto do processo cruel e demoníaco do colonizador.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral:

- Descrever o impacto do cristianismo dentro das religiões africanas no grupo etnolinguístico dos *ovimbundu*, Cubal- Benguela no período de 2010-2021;

4.2 Objetivo Específicos:

- Compreender os caminhos que os *ovimbundu* seguiram para aderir ao Cristianismo e suas práticas;
- Entender como o cristianismo influenciou na mudança da dinâmica da organização social e religiosa do grupo etnolinguístico *ovimbundu*, Cubal-Benguela.
- Analisar como o processo histórico do cristianismo no tempo colonial, apagou as vivências das religiões africana no contexto angolano

5 HIPÓTESES

Dada a relevância do tema em questão, trazemos algumas possibilidades de dar respostas concernente ao problema da pesquisa, assim temos:

- ✓ O processo da colonização, permitiu um apagamento histórico e negligenciou a cultura tradicional africana, angolana especial dos *ovimbundu*;
- ✓ A cultura africana, fruto do processo da colonização, enfrenta uma crise de identidade;
- ✓ Há dificuldade dos Africanos, em particular os *ovimbundu* de afirmar a sua identidade cultural.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

Toda e qualquer pesquisa tem uma origem e nossa pesquisa sobre o impacto do cristianismo dentro das religiões tradicionais africanas: caso do grupo etnolinguístico

ovimbundu, cubal-Benguela no período de 2010-2021. Nesta perspectiva, vamos conversar com autores que se debruçaram também a respeito.

6.1 Contextualização histórica do povo *Ovimbundu*

De acordo com ZAU (2002), os *Ovimbundu* são o grupo etnolinguístico mais homogêneo e mais numeroso. Calcula-se que o seu número correspondesse a 1.500.000 pessoas. Os *Ovimbundu*, de língua materna umbundu, nunca tiveram uma estrutura política central, como os Kikongo e os Ambundo. No final do século XIX e antes da ocupação efetiva portuguesa, estavam divididos numa dúzia de sobados, sendo o maior deles o Bailundo. Mas, por outro lado, nunca estiveram profundamente divididos, nem linguística nem politicamente.

Continua ainda Zau (2002) dizendo que,

Os *Ovimbundu* eram os comerciantes não só de Angola, mas também da África Central. É também o grupo que na época colonial mais se integrou na vida económica e social de Angola: de ferroviários por todo o percurso do Caminho de Ferro de Benguela – do Lobito ao Luau – ou ainda no Caminho de Ferro de Moçâmedes; na apanha de café no norte, nas minas de Cassinga, ou na pesca em Benguela; no corte de cana na Catumbela ou como estivadores no porto de Luanda e do Lobito, os *Ovimbundu* constituíram-se numa etnia chave para o desenvolvimento de Angola, independentemente da sua preponderância numérica (ZAU, 2002, p. 63).

A localização geográfica de muitos *ovimbundu* fez com que fossem os mais afetados pelo processo de escravatura, já que residiam em locais de fácil acesso.

6.2 Localização geográfica dos Cubalenses

Situada a 146 km da cidade de Benguela no sul de Angola, Cubal é um município que sua economia é voltada especificamente a agricultura e pecuária, criação de gado bovino e caprino. O município é constituído pela comuna-sede, correspondente à cidade de Cubal, e pelas comunas de Iambala, Capupa e Tumbulo.

6.3 Processo de assimilação dos *ovimbundu*

O processo de assimilação em Angola surgiu quando os portugueses chegaram a Angola com a intenção de dominar, escravizar e explorar todas as riquezas do país. E com as suas estadias lá, passaram a anular as tradições culturais locais e formaram uma elite com intuito de auxiliar e apresentar-se de tal forma como os colonizadores se apresentavam aos nativos eram obrigados a deixar os seus próprios hábitos culturais, parar de falar as suas línguas maternas e eram obrigados a se apresentarem como portugueses, de modo a serem considerados como assimilados. Para ZAU (2002, p.98), “através do número real de assimilados em Angola — por altura dos censos de 1940 e 1950, os únicos que dividiram a população em categorias de

“civilizados” e “não civilizados” — se torna possível inferirmos sobre o número de angolanos, que naquela altura tinham já o domínio da Língua portuguesa em Angola”.

Tais ideias também são partilhadas por Nascimento (2016):

Assim os assimilados foram africanos que se utilizaram das prerrogativas legais (que discutiremos mais a frente) e conseguiram entre os anos de 1926 a 1961, o estatuto de cidadão, que os possibilitam trabalhar nos órgãos da administração portuguesa, ter autonomia para deslocar-se na colônia, solicitar carteira de motorista, ter direito a voto e o mais importante, fugir do trabalho obrigatório. Segundo Christine Messiant em Angola, este grupo dividia-se em dois, um primeiro vinculado a parte dos crioulos (antiga elite nativa local) que aceitaram o novo estatuto assimilado, oriundo do interior e sem laços biológicos com as famílias crioulos, Para Washington Nascimento os novos assimilados não viam nem atuam como grupos, apesar de possuírem elementos comuns, como origem rural serem pretos, terem adquirido escolaridade formal nas missões religiosas (sobretudo, e o fato de não terem vínculos familiares entre si, como as elites crioulas existentes em Luanda, os antigos assimilados (NASCIMENTO, 2016, p. 106).

Para que o Angolano, de modo particular, os *ovimbundu* fossem considerados como assimilados, os portugueses davam algumas exigências como afirma Nascimento, (2013), era necessário que o indivíduo falasse o português corretamente, fosse cristão católico e tivesse uma economia aceitável.

Segundo Nascimento (2013):

Nós éramos obrigados a falar português para conhecer um novo mundo e para entregar-se a uma outra sociedade. Porque só falar quimbundo não tinha futuro para guindar a determinados lugares [...] mesmo já em casa o nosso pai- meu pai, não gostava que falasse quimbundo, se falava quimbundo, quando o visse a chegar me calava. Mesmo já em casa o meu pai me dizia ter que falar português. (XITU, In: LABAN, 1991, p. 126 apud NASCIMENTO, 2013, p.112)

Em seguida Nascimento, (2016, p.34) traz 5 (cinco) pontos exigidos para ser considerado uma pessoa assimilada:

- 1- Ser Batizado
- 2- Ter abandonado inteiramente os usos e costumes da raça negra africana;
- 3- Falar e escrever corretamente a língua portuguesa;
- 4- Adotar a monogamia;
- 5- Exercer profissão, arte ou ofício compatível com a civilização europeia, ou ter rendimentos que sejam suficientes para prover os seus alimentos, compreendendo sustento, habitação e vestuário para si e sua família (Diploma legislativo, 1931).

7 O IMPACTO DO CRISTIANISMO NAS RELIGIÕES AFRICANAS

Quando se fala do impacto do cristianismo nas religiões tradicionais africanas estamos a falar exatamente da forma como o cristianismo lutou fortemente durante o processo de escravatura para o apagamento das religiões africanas que não forem tidas nem achadas, muito menos respeitadas pelo colonizador cristão católico.

A igreja católica foi braço direito da expansão comercial e marítima de Portugal no processo de escravatura, pois esta legitimava a ocupação de novas terras com o propósito de conversão do gentio pagão ao cristianismo.

De acordo com Andrade (2004)

É importante frisarmos que na América Portuguesa amalgamaram-se os interesses da Igreja Católica e da Coroa, numa união indissolúvel que marcou todo o período colonial”. “Nesse sentido a Igreja católica torna-se força auxiliar no processo de expansão marítima e implantação das colônias, legitimando as conquistas por meio do discurso e das propostas missionárias existentes no seu bojo. (ANDRADE, 2004, p. 92).

Com a chegada dos portugueses missionários em Angola, a vida das populações começou a mudar desde a forma de ser, estar, falar, fazer e até mesmo de adoração a um ser sobrenatural. E o processo não foi dado por meios de negociações, mas sim, de torturas físicas e mentais.

As intromissões abusivas dos missionários e dos traficantes portugueses nos assuntos internos da vida desses povos, contrárias aos objetivos que justificavam a sua presença nesses territórios, contribuíram decisivamente para criar esse clima de descontentamento. (CARDOSO, 1987:33 APUD NETO, 2005 P.19).

Os tais descontentamento conduziram a crises permanentes entre os ovimbundu instalando-se o caos que acabou por conduzir ao enfraquecimento e à própria destruição entre a população. Surgindo assim as guerras internas.

Todos os valores técnicos materiais, econômicos, culturais e religiosos foram utilizados contra os reis, os nobres e as populações angolanas de então, com o fim de estabelecer relações cujos objetivos não consistiam senão na exploração comercial e mercantil de todas as riquezas desses países, e na exploração física do próprio africano. (CARDOSO, 1987:54 APUD NETO, 2005 P.14).

A história é muito clara e ninguém deve se sentir o mais inocente de tudo. A igreja católica fez parte do projeto satânico da escravatura.

É necessário voltar às origens do mal causado, se calhar para muitos não era necessário, mas para mim ainda é necessário e muito importante porque até no meu seio familiar consigo verificar traumas e estigmas deixadas e causadas pelo colonizador cristão (aquele que vem trazer supostamente Deus para um povo, mas que é um autêntico falso e mentiroso, que faz o povo sofrer, que contribui ou ainda protagonista do processo feio e cruel da colonização). Como realça muito bem Domingos (2018),

Esta memória da escravidão e o constante apelo ao um passado e mágoa e de degradação nos exige uma maturidade humana. Pois, passar de escravatura a liberdade, não basta um subtil tratamento da memória. Requer-se ainda uma reparação de predisposições e de gostos. Quando se sai da escravidão, a reconstrução do eu implica, assim, um enorme trabalho sobre mim. Este trabalho consiste em inventar uma nova interioridade. Como dizia Nelson Mandela, “Quando eu sai em direção ao portão que me levaria à liberdade, sabia que, se não deixasse minha amargura e meu ódio para trás, ainda estaria na prisão. (DOMINGOS, 2018, p. 192).

Na verdade e de alguma forma, se esperava um ato diferente vindo de um missionário que se afirma ser agente da paz e do amor, já que é missão dele transmitir harmonia, paz, progresso e dignidade à pessoa humana. Para os *ovimbundu* essa realidade de pertencer ao cristianismo e ao mesmo tempo ser africano nem sempre ofereceu harmonia e bem-estar no seio das famílias.

A escravidão, ao longo das minhas reflexões na elaboração desta comunicação fui me obrigado lembrar e abordar a história terrível le derrangement, “o incomodo” um tema tabu, o tráfico negreiro, a escravidão, sobretudo, as suas consequências complexas e nefastas para a dignidade humana, em especial para os Africanos e seus descendentes na diáspora. Por conseguinte, ainda há presenças de sequelas caracterizado pelas traumas⁷ e estigmas⁸ das sociedades que estiveram envolvidos com a escravidão e o colonialismo (DOMINGOS 2018, p.192).

Por causa do cristianismo muitos *ovimbundu* podiam salvar ou matar. Como: quem não é convertido ao cristianismo não é uma pessoa com dignidade e por isso nalgumas ocasiões era chamado de pagão (pagão é uma pessoa que não aceita ser cristão ou que não aderiram os ensinamentos dos cristãos) e sem Cristo. Acabando de ser privado de alguns direitos que todo cristão católico tinha como: educação, saúde, relacionamento ou mesmo casamento com uma pessoa amada. O cristão católico não foi ensinado a conviver na diferença, pelo facto de não aceitar o outro ser humano pela sua diversidade, sempre que for alguém que não cultua o catolicismo para eles essa pessoa já dificulta a compreensão e o momento.

7.1 Religiões Africanas

Religiões africanas, este foi um nome decidido em assembleia por um grupo de estudiosos africanos e africanistas, podemos ver isso com Altuna (2006):

As chamadas religiões africanas surgiram a partir de várias perspectivas e dentre elas vamos falar de acordo os relatos trazidos por ALTUNA (2006). Foi necessário encontrar uma denominação que englobasse todas as crenças negro-africanas. Nenhuma das definições dadas conseguiu abarcar a sua amplitude, apenas refletem aspectos parciais. A religião tradicional africana contém elementos de cada uma das denominações apontadas, mas nenhuma delas esgota nem explica satisfatoriamente o seu conteúdo (ALTUNA, 2006 P. 368).

Sem sombras de dúvida o nome dado não faz um referencial totalizante, uma vez que a religião engloba também o próprio ser e estar do africano. Mas ainda assim, Altuna continua dizendo:

Assim, o “colóquio de Abidjan, 1961” decidiu chamar-lhes “religiões tradicionais” ou “religião tradicional ancestral ou africana”, ou simplesmente, “Religião africana”. O

“encontro internacional de Bouaké, 1964, abriu com o tema: “as religiões africanas tradicionais” e o “colóquio de Cotonou 1970” “repele o emprego de termos depreciativos e sem fundamentos, tais como animismo, paganismo, feiticismo, ancestralismo, manismo, superstição, etc. Que serviram para identificar a religião africana. Pede que todos se atenham à expressão “religião africana tradicional” ou a outras denominações tiradas das línguas africanas”. Embora as manifestações desta religião tradicional e algumas crenças variem de uma zona cultural a outra e até de um grupo a outro, se pode falar com exatidão de “religião tradicional africana”. A unidade de crenças, o substrato fundamental, o significado e finalidade dos cultos, ritos e símbolos e a homogeneidade de aspirações mostraram-se idênticos em toda África negra. Os seus traços essenciais são comuns e os acidentes não rompem a unidade básica (ALTUNA, 2006, P.369).

O continente sempre foi unido, até que apareceu o colono para os fazer se odiar e ter que se separar, o colono foi tão cruel que fez os irmãos se odiarem e lutarem uns com os outros, mas este encontro que fez com que encontrassem um nome para chamar as suas crenças nos faz entender, o quão o africano é resistente e procurar sempre amar o que é seu a bem ou a mal, por isso hoje podemos e devemos chamar de religiões africanas graças a sua unidade.

Antes do colono, os africanos tinham seus deuses e sabiam que tinha alguém a comandar e a dar vida a todo ser vivo.

A religiosidade de ancestralidade africana é preservada, mesmo com certas limitações e lacunas. E esta religiosidade transborda a dimensão religiosa e está presente em todas as etapas de vida humana: nascimento, rito de iniciação, casamento e morte. A vida é ritualizada e sacralizada continuamente e em todos os dias, nas sociedades africanas (DOMINGOS, 2009, p.4).

Para os *ovimbundu*, celebrar uma nova vida através do nascimento, dos ritos de iniciação, casamento entre outros é estar em constante conexão com ser divino o “suku Ise”

E nada melhor que sentir e acreditar que há um ser superior que nos move e por isso nos dirigimos sempre a ele quando nos convém em qualquer circunstância. Por isso, em uma entrevista feita a Paulina Chiziane “escritora” no canal do youtube scriptorium de letras em 2020, a Moçambicana diz:

Deus não é cristão, que fique muito claro isto, Deus não tem religião e Deus não é propriedade privada, qualquer povo, qualquer cultura, tem o direito de procurar Deus a sua maneira. Este é o primeiro aspecto que eu gostaria de deixar muito claro. Para mim, Deus não é propriedade privada de nenhum povo. O que significa que eu africana, e moçambicana, numa determinada cultura, tenho à minha maneira de dizer Deus, e tenho que ter essa liberdade, porque eu tenho de dizer Deus na língua do outro? E por que que tenho que dizer a Deus diante do outro indivíduo, do outro continente, de uma raça julgada superior? Essa é a minha questão, então, vem pra aqui e acham que todos tem que ser da igreja deles. E incomodam, incomodam e por não querer admitir que existem outras maneiras de ser. “Paulina Chiziane 2020”.

Quando a gente encontra alguém com quem nos sentimos protegidos e seguros para tudo, como sorrir, chorar, gritar, celebrar todos os atos importantes e não só, então devemos esquecer a forma certa e melhor de buscar o amado porque se ele é realmente pai, acolhe todos

como filhos e não faz acepção de pessoas, nem olha na questão da cor de pele, raça, se é rico ou pobre nem mesmo procura buscar a forma correta de o adorar, até porque pelo que percebi, foi ele quem criou todas as formas e já as criou perfeitas e por isso mesmo é que, o homem não pode se achar superior ao outro.

O escritor GEERTZ (1989, p.67) nos diz o seguinte: “numa visão antropológica, religião é (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de atualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas”.

Cada religião tem uma função explícita ou implícita e aqui é necessário sublinhar que a religião pode salvar matar e durante o processo de escravatura matou-se a religião dos povos do cubal- Benguela em Angola

Para compreender melhor segundo Radcliffe-Brown (1968):

A função social da religião é independente de sua verdade ou do seu erro e as religiões que achamos falsas ou mesmo absurdas e repugnantes como aquelas das tribos selvagens, podem desempenhar um papel importante e eficaz no mecanismo social: sem essas religiões [ditas] “falsas” a evolução social e o desenvolvimento da civilização moderna seriam impossíveis (RADCLIFFE- BROWN, 1968, p. 231.)

Apesar da indiferença com que o colono sempre tratou as chamadas religiões africanas ainda era possível de acordo com Altuna (2006):

O homem sente no mais profundo do seu ser uma fome de infinitos, um anseio de salvação, uma chamada de continua a escutar e aceitar a revelação cristã, o Evangelho, a salvação de Cristo. Por isso, é natural que as religiões não-cristãs contenham sentimentos e elementos desta unânime e permanente aspiração humana” e o autor ainda continua dizendo: “Apesar de suas sombras, por vezes bem densas, a religião tradicional contém uma preparação evangélica” tão notória e vívida que, talvez, seja ela a religião não cristã mais próxima da mensagem de Jesus de Nazaré (ALTUNA 2006, p.357).

Apesar das divergências encontradas ao longo e todo processo escravocrata, encontramos a autora Azevedo (2015) que nos diz o seguinte:

No domínio da religião, as interferências mútuas, embora desiguais, entre noções do cristianismo e de religiões de matriz africana, por exemplo, transbordaram a busca por significantes correlativos entre crenças distintas, testemunhando-se a construção e a ressignificação contínuas de práticas e de discursos que, conquanto tendessem a assumir novos contornos, preservavam elementos ritualísticos próprios.⁵ Todavia, constatar o florescer de manifestações culturais sincréticas no seio dos múltiplos processos de síntese entre os doutrinamentos cristãos e as religiosidades africanas não pressupõe esvaziar o seu conteúdo conflitivo, tampouco recorrer a instrumentos analíticos que postulam a existência de estruturas políticas, sociais e econômicas dicotômicas e imutáveis (AZEVEDO, 2015, p. 12)

É muito normal encontrar um pouco de semelhanças entre as culturas, mas o que nos faz questionar é o facto de um povo achar-se superior em relação a outrem.

8 METODOLOGIA

Quando se decide estudar um determinado assunto, é necessário procurar métodos, vias, caminhos que façam chegar ao que se quer pesquisar, e claro, com objetivo de avaliar, questionar, limitar e encontrar uma resposta mais acertada.

E para o tema em questão, achamos necessário e de extrema importância usar o método quantitativo, método este, muito utilizado nas ciências sociais, pois para realização deste projeto de pesquisa, o método qualitativo mostrou-se mais adequado, considerando a perspectiva descritiva e analítica que nos permitirá fazer uma leitura mais abrangente do fenômeno social em questão (GODOY, 1995).

É ainda também interessante utilizar o método tradicional africano, a oralidade, para conhecer e sentir uma experiência ou vivência africana é importante ouvir e ouvir uma voz de autorizada, desta feita, e de acordo com VANSINA, (1982)

A tradição oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração para a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido a sua complexibilidade, não é tão fácil encontrar uma definição para a tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos. Um documento escrito é um objeto: um manuscrito. Mas um documento oral pode ser definido de diversas maneiras, pois um indivíduo pode interromper um testemunho, corrigir-se, recomeçar, etc. (VANSINA. 1982, p.140).

Ainda aprofundando sobre a oralidade, Hampaté ba (2010) complementou o seguinte:

onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra o testemunho daquilo que o homem é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e respeito pela palavra.”³⁸ O poder da palavra é terrível. Ele nos une, e a revelação do segredo nos destrói, através da distração da identidade da sociedade, pois a palavra destrói o segredo comum (HAMPATÉ BA, 2010, p.163).

Como o nosso objetivo é fazer uma pesquisa séria e cuidadosa acerca do nosso tema, iremos também fazer uma pesquisa bibliográfica, como afirma GIL (2008) é um procedimento de pesquisa cujo objetivo é analisar uma determinada temática com base no que já foi escrito sobre ela. Neste procedimento serão utilizados materiais escritos por vários autores, como livros, artigos científicos, revistas, teses entre outros.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (GIL, 2008, p. 50)

E para complementar, a autora De Sousa, et al (2021) diz que a pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico com a finalidade de aprimoramento e atualização

do conhecimento, por uma investigação científica de obras já publicadas. Para eles a pesquisa científica é iniciada por intermédio da pesquisa bibliográfica porque o autor para dar início a uma determinada pesquisa primeiramente vai recorrer aos trabalhos já publicados de modo a entender e analisar da melhor forma o problema a ser estudado.

É ainda muito necessário fazer jus à interdisciplinaridade, como método na pesquisa no processo de produção de saberes e conhecimentos de origem africanas que sem sombras de dúvida e como africana é de extrema importância. Pois embora a sua utilidade se torne na maior parte das vezes um pouco difícil, o que posso afirmar e com a sua atuação e utilização neste trabalho é que é possível. É possível na medida em que aceitamos e a vida em si nos mostra que uma ciência ou saber complementa a outra, as disciplinas se cruzarem para poder dar resposta correta de algum assunto, conforme Joseph Ki- Zerbo:

A constatação de que arqueólogos, linguistas, antropólogos culturais ou etnógrafos se defrontam, a maior parte do tempo, com os mesmos problemas e de que a melhor forma de os solucionar é a equipe interdisciplinar, é hoje um dos fatores mais animadores e estimulantes dos estados Africanos e da diáspora KI- ZERBO, 2010, P.387).

Por fim, o outro método que não pode faltar na nossa pesquisa é a etnografia, método antropológico usado também em diferentes áreas para coleta dos dados. Durante a coleta dos dados, optamos pela postura intersubjetiva com relação ao objeto de estudo em análise onde centralizamos o nosso foco analítico.

A nossa pesquisa etnográfica será baseada no trabalho de campo que pretendemos desenvolver com grupo etnolinguístico *ovimbundu*. O trabalho de campo foi desenvolvido através de contato intenso e prolongado, com vista a compreender o impacto do cristianismo na mudança da dinâmica da organização social do grupo etnolinguístico *ovimbundu*, Cubal-Benguela.

De acordo com Oliveira (2000), a pesquisa etnográfica envolve interação entre o pesquisador e a comunidade a ser pesquisada no campo; “o antropólogo busca interpretar ou compreender a sociedade e a cultura do outro em sua verdadeira interioridade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKRONG, Abraham A. **A Religião Tradicional Africana e o Cristianismo: Continuidades e Descontinuidades**. P.619, 2016.

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Bantu**, editora paulista, 2006.

ANDRADE, William César de. **Conflito na interpretação historiográfica do Brasil Colônia**. Revista de Estudos da Religião, p.92, 2004.

AZEVEDO, Elisa Dias Ferreira de. **O complexo cultural luandense oitocentista**: Reflexões sobre o papel da religião católica na conformação dos “filhos da terra” 2015. (Dissertação de mestrado)

CARDOSO, Boaventura. **A morte do velho Kipacaça**. Luanda, Ed. UEA, 1987.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

DOMINGOS. Luís Tomás. **A religiosidade de matriz Africana na sociedade brasileira**: os olhares cruzados entre África e Brasil. p.4, 2009.

GIL, Antonio Carlos, and C. **Métodos**. "técnicas de pesquisa social." *São Paulo, Editora Atlas* (2008).

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Revista de Administração de Empresas.

GOMES, Teresa Domingos. **A estigmatização social em Angola**: Um Estudo sobre os estigmas atribuídos ao grupo etnolinguístico Ambundu em Cacuaco- Luanda entre os anos de 2011-2018, 2022. (Tcc)

GUIARRARA, Paloma. "**Angola**"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/geografia/angola.htm>. Acesso em 18 de março de 2024.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ovimbundos>, 2019.

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/estatisticas-da-igreja-catolica-em2023.html#:~:text=Na%20mesma%20data%20o%20n%C3%BAmero,em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20ao%20ano%20anterior.>

KI -ZERBO, J. **Os métodos interdisciplinares utilizados nesta obra**. In : KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed., rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 387-399.

LAKATOS, Eva M. & MARCONI, Marina A. Fundamentos de Metodologia Científica. 4a ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NASCIMENTO, Washington Santos. "Os "assimilados" na legislação colonial portuguesa em Angola." *VICE-REITOR*: 105.

NETO, Manuel Brito. **História e Educação em Angola**: do colonialismo ao movimento de Angola (MPLA), p.14, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000. (p. 220).

VANSIMA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. In História geral da África Volume 1: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

ZAU, Filipe. **Angola: trilhos para o desenvolvimento**. Universidade Aberta, 2002.

9 CRONOGRAMA

ATIVIDADE	De março à julho de (2023)	Abril e maio de 2023	Agosto até dezembro de 2023	De janeiro à maio de 2024	Maio 2024
Escolha do tema	X		X		
Formulação do problema		X	X		
Revisão da literatura	X	X	X		
Construção dos instrumentos da pesquisa		X			
Elaboração do projeto			X	X	
Leitura				X	
Revisão das normas de escrita da ABNT		X		X	

Entrega do projeto					X
--------------------	--	--	--	--	---